

O ENTRE-LUGAR DISCURSIVO DA RAZÃO E DA LOUCURA: EFEITOS DE SENTIDOS EM O DIA EM QUE MATEI MEU PAI, DE MARIO SABINO

Cezar Roberto Versa^{*1}

Alexandre Sebastião Ferrari Soares^{**2}

RESUMO: Os efeitos de sentidos se estabelecem em todo e qualquer enunciado. Por sua vez, a literatura tem nos personagens enunciações passíveis de interpretação via Análise do Discurso de linha francesa. Em *O dia em que matei meu pai*, de Mário Sabino, o narrador-protagonista tem em seu discurso sentidos atravessados num entre-lugar da razão e da loucura. O objetivo desse artigo é analisar esse processo, desvelando suas nuances.

PALAVRAS-CHAVE: *Discurso; sentido; romance.*

ABSTRACT: *The effects of senses are established in any enunciation. For its part, the literature on the characters utterances interpretable via Discourse Analysis of French. In the day that I killed my father, by Mario Sabino, the narrator-protagonist has crossed senses in his speech in between-place reason and madness. The aim of this paper is to analyze this process, revealing its nuances.*

KEYWORDS: *Discourse; sense; novel.*

INTRODUÇÃO

O romance pós-moderno apresenta em sua constituição sujeitos cada vez mais deslocados de alguns conceitos de centramento racionalista advindos de uma lógica iluminista. Os personagens se compõem como sujeitos assujeitados, com discursos demarcados, cujos efeitos de sentidos são plurais e fogem ao domínio de seus narradores, mesmo que sejam oniscientes, em uma primeira pessoa detentora de saber.

Mário Sabino representa tal corrente de produção e em seu romance de estreia, *O dia em que matei meu pai*, o narrador-protagonista apresenta um discurso interpelado por lógicas cartesianas, as quais se desnudam e conflitam com as marcas discursivas de devaneio, de uma loucura enunciada e reforçada em seus enunciados. Seu relato permeia um

* Doutorando do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *Campus* Cascavel.

** Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor de Graduação e Pós-graduação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *Campus* Cascavel.

discurso autoexplicativo, cortante e cínico para com quem recebe as informações.

Pautado nesse entendimento acerca da obra, o presente artigo objetiva descortinar e tecer uma análise das produções e efeitos de sentidos aclarados nesse discurso de um entre-lugar da razão e da loucura. Um homem o qual projeta no pai suas angústias e desprazeres, se não, sua própria vida. Para efetuar tal interpretação utilizar-se-ão os pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD), de linha francesa, na perspectiva de Pêcheux (1997; 2008). Logo, os encaminhamentos metodológicos do trabalho se enquadram nos meandros analíticos e de interpretação fundados no arcabouço teórico da AD, pluridisciplinar e interdisciplinar por essência, passando por pressupostos da linguística, psicanálise e materialismo dialético.

O artigo será dividido em dois momentos: o primeiro apresenta a AD em seu eixo diacrônico e de categorização teórica, a fim de explicitar a temática e aclarar os procedimentos analíticos que respaldam os métodos interpretativos utilizados na análise do texto literário; o segundo se centra na apresentação das características da obra, a partir das condições de produção do discurso da personagem central da história e nas formas de produções e efeitos de sentidos estabelecidos no romance *O dia que matei meu pai* por meio de procedimentos próprios à AD.

A justificativa para o proceder temático e metodológico se efetua na possibilidade que a AD desvela em relação ao discurso do protagonista da trama de *O dia em que matei meu pai*, pois os enunciados por ele produzidos são fluidos e demarcadores da ideologia própria a um tempo de incertezas, a pós-modernidade; a qual se encontra atravessada por ditames de um capitalismo tardio e de ênfase num centramento cartesiano do eu, que não é mais possível.

ANÁLISE DO DISCURSO E TEXTO LITERÁRIO

A Análise do Discurso se fulgura enquanto uma teoria que se delimita em linhas singulares, de um lado, a perspectiva da escola francesa e, de outro, a tendência anglo-saxã. A primeira surgiu na França na década de 1960, com influências do materialismo dialético, psicanálise e a linguística. A segunda pautada em critérios mais sociológicos e de análise psicológica, também conhecida como americana. Um dos pontos fulcrais da diferença de perspectiva em relação à enunciação discursiva se centra na noção de intencionalidade. A AD de linha francesa, dialeticamente à AD de linha americana:

não considera como determinante essa intenção do sujeito; considera que esses sujeitos são condicionados por uma determinada ideologia que predetermina o que poderão ou não dizer em determinadas conjunturas histórico-sociais (MUSSALIM, 2003, p.113).

Centra-se nesse artigo a escolha de abordagem pautada na AD de linha francesa, na perspectiva de Pêcheux, cuja orientação entende o discurso como o lugar onde o enunciador não tem domínio pleno sobre seus sentidos, uma vez que o sujeito é assujeitado por meio da Ideologia e do Inconsciente.

O ‘desdobramento’ do sujeito – como ‘tomada de consciência’ de seus ‘objetos’ – é uma reduplicação da identificação, precisamente na medida em que ele designa o engodo dessa impossível construção da exterioridade no próprio interior do sujeito (PÊCHEUX, 1997, p.172).

Logo, a língua não é transparente, nem o sujeito é exterior a ela. Esse entendimento de uma linguagem constituída no discurso se enceta numa tríade teórica, num movimento singular de entendimento da perspectiva de língua, sujeito e inconsciente. A linguística, o materialismo histórico e a psicanálise propiciam tais compreensões, num processo interpretativo que se estabelece nos sentidos, nas significações dos enunciados.

Pêcheux relê Saussure e entende que a dicotomia *Langue x Parole* não dá conta dos sentidos, mas percebe no paradigma de funcionamento, uma instância que denomina de discurso. De acordo com Althusser (1998), há o ideário de um sujeito interpelado por ideologias, as quais axiomáticamente se materializam. Em relação ao processo inconsciente da linguagem, esse se perfaz na língua e denota mais uma vez um sujeito avesso à constituição lógico-iluminista.

A importância da linguagem mediante a ideologia se justifica porque a linguagem se torna um lugar privilegiado de sua materialização. A linguística saussuriana por trabalhar como uma relação binária amparada na diferença, ou seja, por exemplo, uma cadeira é uma cadeira porque não é uma mesa, centra a distinção no interior do sistema linguístico, não se importando com fatores externos.

Nesse sentido, a AD percebe no discurso fatores externos baseados além de noções de um realismo metafísico ou de um mentalismo simbólico. É necessário entender a língua como interpelada por fatores históricos que se materializam nos discurso por meio de marcas ideológicas.

Só uma teoria do discurso poderia dar conta de um objeto complexo, que passa a ser concebido não apenas no seu componente puramente linguístico, mas a incorporar algo ‘exterior’ a ele, um componente socioideológico (BRANDÃO, 1998, p.20).

Faz-se mister aludir que a cientificidade da AD se centra justamente em sua filiação à linguística, portanto não se trata de um recorte teórico fragmentado e sem critérios. Há um processo lógico instaurado historicamente numa teorização científica que entende a linguagem como objeto de estudo.

O embasamento em outras áreas do saber completa lacunas existentes em alguns pontos centrais dos estudos linguísticos. A psicanálise lacaniana é uma das perspectivas utilizadas por Pêcheux para aclarar aspectos da relação linguagem e sujeito. Lacan (1964) vislumbra uma língua que não é um sistema conscientemente construído, cujos seus usuários têm um inconsciente que hora ou outra se esclarece, constituindo os atos falhos, os famosos “não foi isso que quis dizer”. O sujeito do controle não se perfaz na perspectiva lacaniana, pelo contrário, é nessa falha de controle que se constitui o sujeito.

Desses empréstimos conceituais advém em Pêcheux (1997) uma teoria não-subjetiva da subjetividade, pautada na forma-sujeito, em que se entende o sujeito assujeitado, visto que não domina os sentidos de seus enunciados, nem mesmo consegue dominar o que diz, ou ainda, é atravessado por ideologias previamente construídas no bojo de uma sociedade marcada pela reificação e capitalização de tudo, inclusive dos seres que a compõem.

A teoria de M. Pêcheux dedica-se a pensar os efeitos de sentido no discurso. Sua preocupação nunca foi a questão ‘O que isso significa?’, mas como se instituem efeitos de sentido no discurso, no encontro da língua o efeito-sujeito e a história (TEIXEIRA, 2005, p.16).

Pêcheux (1997) salienta que os sujeitos se constituem no que ele chama de esquecimento, designados de n°1 e n°2, e é por meio deles que há a criação de uma realidade discursiva ilusória. O esquecimento n° 1 não é acessível ao sujeito, pois é de matiz inconsciente e ideológico, o lugar constitutivo da subjetividade. Já o n° 2 se perfaz na ilusão de transparência da língua, do sentido; efetiva-se nos processos enunciativos, nas escolhas de seleção linguística, na relação de paráfrase ou ocultamento de uma palavra em detrimento de outra.

Desse modo, todo e qualquer sentido de enunciados foge ao domínio consciente de seu enunciador. Para a AD de linha francesa, o sujeito, por ser assujeitado, apresenta um discurso interpelado por ideologias e o inconsciente, o que lhe é constituinte, e foge ao seu comando.

Nas produções artísticas, o processo de assujeitamento ocorre da mesma maneira, pois os sujeitos do universo literário, por exemplo, são construídos a partir de enunciados, que se estabelecem em determinada condição de produção e produzem efeitos de sentidos, que podem ser

analisados e interpretados à luz da AD. O cuidado metodológico e teórico por meio desse viés analítico se estabelece na questão de que a análise do texto literário considera:

[...] como alerta Pêcheux (1990), sua condição de produção e interpretação fora da esfera individual do sujeito psicológico, empírico, ou seja, a leitura reside na existência de um corpo sócio-histórico de traços discursivos constituindo o espaço da memória (FERNANDES, 2009, p.16)

Nesse espaço simbólico das memórias materializadas nos discursos das personagens das obras literárias, há a constituição de um local singular e único para a análise de efeitos de sentidos. “A memória, para a AD, constitui um espaço de fronteiras moventes, de deslocamentos, rupturas, retomadas, formada por conflitos de regularização, que possibilitam que um acontecimento histórico venha a se inscrever numa continuidade interna uma formação discursiva” (CROSARA, 2009, p.61).

Nesse movimento discursivo, da memória, presente no texto literário, salientam-se várias enunciações, cujos sentidos podem e devem ser interpretados, uma vez que,

Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise do discurso (PÊCHEUX, 2008, p.53).

Destarte, o texto literário fulgura como um lugar de formações discursivas próprias, instauradas em contextos históricos, ideológicos e ontológicos, em que os personagens produzem discursos cujos sentidos fogem à lógica de uma intencionalidade cartesiana centrada nos processos de autoria, e sim, baseados nos processos de uma memória cujos discursos desvelam suas interpelações e sentidos.

ENTRE-LUGAR DISCURSIVO DA RAZÃO E DA LOUCURA

A literatura contemporânea se postula num quadro de análise diferenciado, uma vez que a sociedade em questão tem em seus indivíduos uma crise identitária de transitoriedade impensada em outros tempos (HALL, 2005). O discurso imagético, novas tecnologias da comunicação e da informação se estabelecem, releituras conceituais dos relacionamentos humanos são algumas das possibilidades de entrecchos percebidos pelos autores desse pós-modernismo literário (HUTCHEON, 1991).

Mário Sabino, autor paulista e jornalista, traz em sua produção literária temáticas as quais tendem ao enlace conceitual de incertezas pós-modernas. Em 2004, lança seu primeiro romance *O dia em que matei meu pai*, seguido de uma coletânea de contos, em 2005, *O antinarciso*; em 2009, produz um livro de narrativas curtas, *A boca da verdade*; para, em 2011, aclarar seu segundo romance: *O vício do amor*.

Em *O dia em que matei meu pai*, Sabino estreia na literatura nacional como mais um autor a desvelar processos sociais e psicológicos de sujeitos constituintes de uma sociedade cada vez mais marcada pelos processos da efemeridade e da dúvida, cujos discursos do protagonista são balizados por assujeitamentos e marcas ideológicas de constituição sócio-histórica.

Nesse espaço de memória, cujo narrador se apresenta, as formações discursivas denotam condições de produção e efeitos de sentidos pautados num entre-lugar da razão e da loucura. Importante aclarar que:

O discurso se constitui em sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem (ORLANDI, 2007, p.43).

O romance apresenta um protagonista o qual se entende como dono de si e reflete num nível onisciente o que diz, cujas explicações são dadas de um lugar de sua razão, mas que no fio do discurso constitui-se numa materialização de sua loucura. Pode-se afirmar que o personagem-protagonista do livro tem em seu discurso um ideário cartesiano do domínio de seus sentidos. Cada palavra lançada, argumento trabalhado visa a outro sujeito a fim de escarnecê-lo, há uma denotação de superioridade, de um sujeito cuja razão discursiva é unívoca e assertiva, mas que no final conota sentidos díspares do momento existencial em que se insere.

Quanto às condições de produção desse discurso racionalizante, o sujeito do romance faz parte de uma sociedade marcada por uma ruptura paradigmática, a pós-modernidade. Bauman (2001) marca a historicidade do mundo na ideia do fluido, conceitua a era contemporânea como uma modernidade líquida. Harvey (2003), por sua vez, entende que a única certeza do mundo hodierno são as incertezas. A hibridez se estabelece, em um composto de bricolagem perene; o efêmero torna-se regra e os sujeitos se perdem em si mesmos; as minorias passam a ser aclaradas, da marginalidade ao centro das discussões; os sentimentos e angústias são mais arraigados e tal introspecção constrói contornos outrora não declarados.

No romance de Sabino, o sujeito não se entende perdido e acredita

ter controle sobre seus atos e situações, mesmo tendo matado o pai, tende a se elucidar de forma calma e serena. No primeiro enunciado da obra, tem-se o seguinte relato: “O dia que matei meu pai era um dia claro, de uma claridade difusa, sem sombras, sem relevos” (SABINO, 2009b, p.9).

De acordo com El-Kadi (2011, p. 202), “O crime é descrito em termos pictóricos e teatrais, carente de toda carga emotiva que se esperaria diante de tal ação violenta”. Numa condição sócio-histórica ocidental, o parricídio é um crime inaceitável. O enunciador em seu discurso desdenha tal concepção e reforça sua subjetividade, produzindo um sentido racional ao que é dito, por mais irracional que pareça.

Mais uma vez o entre-lugar se salienta, pois na ideia de reforçar sua subjetividade, seu discurso é interpelado por ideologias próprias do momento de efemeridade e descentramento identitário, e demonstra como suas vontades não estão acima de tudo, já que matar o pai, no contexto pós-moderno ainda continua inaceitável. Isto é, em sua razão instaura-se sua loucura, na ideia de subjetividade salienta-se seu assujeitamento.

Para compreender melhor de onde esse sujeito interpela seu discurso, faz-se mister aludir que o protagonista é o narrador da estória e se trata de um jovem burguês de classe média alta. Sua narração conta as motivações para o parricídio por ele cometido. Por mais que no início do livro a enunciação revele um efeito de segurança no ato do parricídio, as enunciações do protagonista tendem ao nível da explicação, como justificativa para o ato.

O discurso racional constitui-se nas justificativas, contudo o discurso da loucura se reforça nesses mesmos enunciados, como nos enunciados do capítulo final da obra:

Foi com uma paulada na nuca e outra no alto da cabeça. Mas eu não estava sozinho quando telefonei para a polícia. Por intermédio do sujeito que chantageara o motorista de meu pai, contratei a peso de ouro três criminosos, aos quais fiz entrar na casa depois de cometer o assassinato. Eles estavam instruídos a imobilizar-me logo após o telefonema, ainda que na última hora eu revogasse essa ordem – o que não fiz. (SABINO, 2009b, p.162)

O recurso empregado para o diálogo com o leitor é o de ele estar contando a uma analista ou a uma psiquiatra o seu trecho de vida, de tal modo se estabelece um contato direto com o leitor, como se este encarnasse a figura de quem escuta a história, fato que constrói as condições de produção do seu discurso.

As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz

imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro duma conjectura sócio-histórica [...] É pois todo um jogo imaginário que preside a troca de palavras. E se fazemos intervir a antecipação, este jogo fica ainda mais complexo pois incluirá: a imagem que o locutor faz da imagem que seu interlocutor faz dele, a imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e assim por diante (ORLANDI, 2007, p.40).

Logo, o fato do narrador proferir seu discurso nessas condições de produção reforça a marca sócio-histórica da perda do centramento do sujeito iluminista e sociológico (HALL, 2005). Saliente-se a multiplicidade de efeitos de sentidos possíveis, pois o enunciador não assume por completo uma posição discursiva e ideológica mais concreta e fica na fluidez de sentidos própria ao seu discurso, enquanto um protagonista racional.

Quando isso ocorre, seu discurso de tom demarcado pela razão sofre um deslocamento de sentido para a loucura que o compõe. Há uma tentativa de racionalização não efetivada e quanto mais proferida suas discursividades via memória, por meio de seu relato, mais no intermeio com a loucura estabelecem-se seus argumentos, inclusive em discursos intelectualizados e de base de conhecimento de mundo: “Depois que matei meu pai... Bem, digamos que eu superei de tal forma – não no sentido psicanalítico, é claro –que complexo de Édipo está longe de dar conta da minha tragédia” (SABINO, 2009b, p.30).

O enunciado marca o discurso transversal de que a psicanálise não daria conta de sua tragédia, por mais que ele mesmo pareça estar relatando o fato a um psicanalista; em segundo lugar assume-se inconscientemente o ideário trágico de sua vida, por mais que suas construções discursivas fossem por parte do narrador uma denotação de seu equilíbrio, que em suas enunciações reforçam sua loucura.

Outro sentido possível é de que ao citar Édipo, ele queira negar tal semelhança, como se sua postura resultasse num anti-Édipo, já que em *Édipo Rei*, de Sófocles, o protagonista é enredado pela *hybris*, seu destino, o qual já foi traçado antes de seu nascimento. Já no romance, o parricídio não se estabelece diante da *hamartia*, do erro, de fuga do destino, mas sim, pelo livre arbítrio de quem mata o pai.

Esse sujeito do enredo se postula numa crise identitária e de um deslocamento no mundo, num movimento narcisista. A dialética realidade e ilusão se estabelece de forma constante, numa dúvida da verossimilhança das informações elencadas, fato gerado pelas estratégias discursivas e tom irônico, até sarcástico em relação a quem recebe a narrativa.

A angústia do personagem e o conflito perene com a vida social que lhe abarcam são expressos nos conflitos e divagações estabelecidos durante a narração, a qual se estabelece na hibridez de discursos, na

influência da linguagem midiática, cinematográfica e jornalística. Tal recurso condiz com a formação de Mário Sabino, vindo da tradição midiática comunicacional, e da tendência do romance contemporâneo, em especial o latino-americano, marcado pelas influências da bricolagem pós-moderna, fato este aludido por Canclini (2003), na ideia de que a América Latina é pós-moderna há séculos, justamente por ser híbrida e formada pelo pastiche e a bricolagem cultural.

O discurso do protagonista tende em sua hibridez a reforçar o seu intelectualismo, como se tal condição lhe retirasse a pecha de assassino, e sim, de alguém que fez o que precisava ser feito, inclusive as remissões a discursos sacramentados da literatura e da filosofia lhe dariam a constituição do que fala e de onde fala. O romance se elucida nesses contornos discursivos, como se o narrador- personagem se desvelasse a partir de autores e personagens citados durante o enredo como formadores de sua constituição humana.

Entre eles, cita: Clarice Lispector com sua introspecção e movimento de epifania (p. 29); Ivan Karamazov, parricida de Os irmãos Karamazov, de Dostoiévski (p. 102). Para Orlandi (2007, p.39), “As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos relação de sentidos. Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros”.

Há no protagonista de *O dia em que matei meu pai* um movimento de crise existencial, a qual extrapola as raias sociais e psicológicas, consolidando um movimento de construção ontológica, metafísica e fenomenológica. Tais características aproximam Sabino do realismo pululante de Rubem Fonseca e seus discípulos como Patrícia Melo, em que a voz do narrador tende a ser cínica e exibicionista.

O narrador de *O dia em que matei meu pai* se instaura nesse quadro de formação discursiva e ideológica ao ser cínico e exibicionista, como no caso do fim do terceiro capítulo assim o termina: “O espetáculo que se desenrolava sobre a cama era horroroso: minha mãe, nua, cavalgava um pênis enorme. O pênis que eu sempre quisera ver e que sempre evitara olhar” (SABINO, 2009b, p.16); em seguida, no início do quarto capítulo faz sua ironia ao leitor:

Perdoe-me, mas nada do que contei ocorreu. Quer dizer, apenas uma parte é verdade. Até a visão da pedra azul. Como você pode ter acreditado que eu presenciei meu pai e minha mãe fazendo sexo? Meu relato foi tão esquemático, tão de manual... Pelo visto, não é difícil enganá-la. Talvez eu possa me dedicar a isso de agora em diante – a enganá-la. Será minha diversão (SABINO, 2009b, p.16).

O personagem quer se apresentar desvelado, com suas angústias e ontologias conflitantes, num movimento em que a violência é a saída mais racional, nem que isso resulte na morte de seu próprio pai, num parricídio premeditado, em que mesmo sendo negado pelo narrador remete ao mito do complexo de Édipo. Contudo, mais uma vez seu discurso traz marcas de apagamento da condição de um sujeito que ideologicamente, num contexto de sociedade capitalista, tem de ser, ou melhor, parecer ser. Um detalhe é revelado e salienta esse mascaramento, o pai desconstrói outro papel social, pois mantinha relações com a mulher de seu filho, àquela que seria a substituta de sua mãe, o conflito existencial psicanalítico se reforça e seu discurso centralizador e cínico começa a ruir.

É necessário entender nesse contexto a posição discursiva desse homem que tenta racionalizar aquilo que pressupõe um efeito de sentido irracionalizante, marcado nos pressupostos de uma sociedade tida civilizada e que se esconde em tabus, mitos, crenças religiosas e, até mesmo, no discurso tecnizante científico.

O lugar de onde o narrador-protagonista conta a história não lhe dá valor de verdade ao que diz, mas lhe possibilita dizer tudo que pensa ser a verdade. Nesse sentido, o próprio desfecho do enredo assevera esse efeito de sentido, pois o personagem paga os assassinos de seu pai, não só para matar seu progenitor, como para que lhe jogassem ácido nos olhos, interface pontual da cegueira de Édipo, como pagamento de seus pecados, num processo catártico, da obra grega: “Imobilizado numa poltrona, eu ainda pude ver o corpo de meu pai que jazia sobre o sofá, antes que o terceiro bandido despejasse ácido nos meus olhos” (SABINO, 2009b, p.162).

Por sua vez, a evidência do sujeito – a de que somos sempre já sujeitos – apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. Esse é o paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência: sua interpelação pela ideologia (ORLANDI, 2007, p.47).

Destarte, o romance *O dia em que matei meu pai* apresenta um discurso de memória entre a razão e a loucura, cuja temática de aprofundamento psicológico e social e representação da realidade literária e do processo de crítica de arte não pode se encerrar nos meandros de uma resposta sociológica. Faz-se necessária uma busca na ideologia e na constituição desse sujeito, uma possibilidade de interpretação que se vislumbra pela AD, num processo interpretativo que vai além do sentido formal e denotativo das palavras.

O último enunciado do protagonista salienta esse processo: “Esse silêncio... Você ainda está aí?” alude e reforça o entre-lugar discursivo da razão e da loucura, num espaço da memória, em que as condições de produção de um homem atormentado por matar seu pai se salienta no

discurso como forma racional para justificativa de seu ato. Faz-se mister destacar que o protagonista do romance é um sujeito interpelado por ideologias de seu tempo, perdido em sua existência ontológica e atormentado por um discurso do inconsciente que o desvela em seu entre-lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início do livro *O dia em que matei meu pai*, a enunciação: “O dia que matei meu pai era um dia claro, de uma claridade difusa, sem sombras, sem relevos” (SABINO, 2009b, p.9), há um efeito de sentido devastador perante os ideários do discurso ocidental contemporâneo. Matar o próprio pai é inaceitável para a maioria das culturas, das mais variadas religiões, credos e crenças. O “dia claro” contraria o efeito obscuro do ato, e a difusão da claridade sem sombras e relevos marcaria a racionalização do ato, que não deixa de estabelecer um interdiscurso, o da loucura.

Um efeito de sentido não preexiste à formação discursiva na qual ele se constitui. A produção de sentido é parte integrante da interpelação do indivíduo em sujeito, na medida em que, entre outras determinações, o sujeito é ‘produzido como causa de si’ na forma-sujeito do discurso, sob o efeito do interdiscurso (PÊCHEUX, 1997, p.261).

Mario Sabino, jornalista e romancista paulista, apresentou em *O dia em que matei meu pai* um espaço de construção de sentidos profícuo a uma análise amparada nos pressupostos teórico-metodológicos da AD de linha francesa. O sujeito representado na trama por si mesmo carrega em seu discurso efeitos de sentidos pautados no momento sócio-histórico representado na produção: a pós-modernidade. Sua composição é fragmentada e efêmera e seus discursos seguem essa mesma lógica, numa ânsia de justificativa racional de seus atos que ao se materializarem no discurso reforçam o sentido da loucura e insanidade de seus atos.

Desse modo, conclui-se que a AD é uma teoria bastante interessante e com inúmeras possibilidades de aprofundamento quanto à análise do texto literário. O romance de Mario Sabino mostrou-se discursivamente por meio dos enunciados de um protagonista interpelado por ideologias do capitalismo tardio, desvelando sua condição de sujeito atravessado por um inconsciente crivado de traumas, tabus e crenças singulares em que ele acredita e tenta reforçar em seus dizeres, num entre-lugar discursivo da razão e da loucura.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Subjetividade, argumentação, polifonia*. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial do estado, 1998.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CROSARA, Franciele Magalhães. Discurso, história e memória em *Acorda Amor: a construção dos sentidos*. In: FERNANDES, Claudemar Alves; Gama-Khalil, Marisa Martins; JUNIOR, José Antonio Alves (orgs.). *Análise do discurso da literatura: rios turvos de margens indefinidas*. São Carlos: Claraluz, 2009. pp. 54-70.
- EL-KADI, Aileen. O parreirão como espetáculo da violência: O dia em que matei meu pai. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. n. 37, pp. 201-209, 2011. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/viewArticle/4012>. Acesso em: 22 de dez. 2011.
- FERNANDES, Claudemar Alves. Análise do discurso da literatura: rios turvos de margens indefinidas. In: FERNANDES, Claudemar Alves; Gama-Khalil, Marisa Martins; JUNIOR, José Antonio Alves (orgs.). *Análise do discurso da literatura: rios turvos de margens indefinidas*. São Carlos: Claraluz, 2009. pp. 08-25.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LACAN, Jacques. *O Seminário - Livro 11 - Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- MUSSALIM, Fernanda. Análise do discurso In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, Vol. II, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003. Cap. 1, p. 13-52.
- ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. (Trad. Eni Pulcinelli Orlandi). 5.ed. São Paulo: Pontes, 2008.
- _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- SABINO, Mario. *A boca da verdade*. Rio de Janeiro: Record, 2009a.
- _____. *O antinarciso*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____. *O dia em que matei meu pai*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009b.

_____. *O vício do amor*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Domingos Paschoal Cegalha (trad.). 3. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2005.

TEIXEIRA, Marlene. *Análise do discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. 2. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.